

Ao som da viola

FOTOS: FRANCISCO STUCKERT



MÚSICOS associados do Clube dos Violeiros querem transferir a sede da entidade para o Plano Piloto, em um espaço mais adequado

O Clube dos Violeiros, com sede na Candangolândia, prova que Brasília é uma cidade aberta para os mais variados gêneros musicais. Do rock, ao chorinho até a autêntica viola caipira

MARCELO BELUCO

Volmi Batista exhibe, com orgulho, uma viola antiga, "feita a canivete", que há 20 anos lhe pertence. Este instrumento, considerado por seu dono "um amuleto", o incentivou a pesquisar a fundo a música caipira. Quando, em 1984, começou a ter aulas de viola com Roberto Corrêa, na Escola de Música de Brasília, o estudo se tornou paixão. Este sentimento levou Volmi Batista a procurar o amigo Aparício Ribeiro, propondo a ele que, juntos, formassem um local dedicado à música caipira. Nasceu assim, em 1993, o Clube do Violeiro de Brasília, sediado atualmente na Candangolândia.

Esse encontro, regado a som de viola, aconteceu pela primeira vez numa loja/ateliê chamada Violas e Violões Aden. Um estabelecimento, em Taguatinga, onde são construídos, há mais de 40 anos, instrumentos artesanais. O nome Aden é a abreviação de Advogado e Engenheiro. Uma dupla caipira, formada por Seu João e Alexandre. Pai e filho que, além de trabalhar na mesma oficina, ensaiam juntos para, em breve, tentar realizar seu primeiro CD. Seu João aprendeu os segredos da construção de violas e violões desde pequeno, em casa, com o pai. E assim, de forma hereditária, seguiu a tradição.

O neto de Seu João, Élder, de 18 anos, também toca viola e aprende, no seio da família, as manhas da profissão de *luthier* (leia mais sobre a família do Seu João na página 2-D).

A idéia de formar o Clube do Violeiro teve, como base, o resgate, a valorização e a divulgação das atividades dos violeiros de Brasília. "Não somente aqueles que tocam a viola, mas também os que trabalham com manifestações folclóricas ligadas à música caipira, como o lundu, a catira", explica Volmi Batista.

Em seus sete anos de atividades, o Clube do Violeiro realizou muitos encontros, numa média de quatro por ano, em diversos pontos do Distrito Federal como Plano Piloto, Taguatinga, Núcleo Bandeirante. Os encontros são semelhantes às rodas de viola no interior do Centro Sul do Brasil - região onde se concentra a maior manifestação da moda de viola no país.



VOLMI: "O violeiro tem orgulho de ser brasileiro"

Nessas reuniões, abertas, o violeiro que chegar pode tocar. Volmi Batista, mineiro de Coromandêu que estuda viola caipira há mais de 30 anos, explica que os encontros "são festas de violeiros, que se reúnem para tocar e discutir os rumos da música caipira".

Hoje, a viola caipira está retomando sua importância. Um espaço perdido por volta da década de 70, quando a música que era sertaneja passou a incorporar parafernália eletrônica e as gravadoras começaram a impor estilos aos violeiros, que se sentiram intimidados com isso.

"O violeiro, acima de tudo, tem orgulho de ser caipira, de ser brasileiro. Com a intimidação das gravadoras, os violeiros se afastaram, dando espaço a duplas que de sertanejo não tem nada. Como Zézé de Camargo e Luciano, que são de Pirinópolis mas fazem questão de negar isso. Eles, além de usar instrumentos importados, querem até se mudar para Miami. Felizmente, de uns três anos para cá, a música caipira tem retomado seu espaço", diz Volmi Batista que, além das atividades com o Clube do Violeiro, também trabalha como produtor da dupla Zé Mulato e Cassiano.

Segundo ele, há em Brasília, atualmente, cerca de

40 violeiros, entre instrumentistas e duplas. Esse número se deve, sobretudo, às aulas que Roberto Corrêa passou a dar na Escola de Música. "Devido a essas aulas, surgiram na cidade grandes violeiros, como Marcos Mesquita, Reis Moura, Cláudio Vinícius, Marcos Benaia".

Por volta de 1995, o Clube do Violeiro passou a funcionar também no Espaço Cultural 508 Sul. Eram reuniões semanais, utilizadas para discutir os rumos da música caipira. Um projeto que sobreviveu durante um ano. Posteriormente, o Clube (cujo atual presidente é Aparício Ribeiro, um de seus fundadores) criou o programa radiofônico *Violas e Violeiros*.

O programa está no ar há quatro anos, todos os dias, das seis às sete da manhã, na Rádio Cultura FM. "Ocupamos nesse horário o 4º lugar em audiência, entre todas as emissoras da cidade. Isso prova que Brasília tem público para esse gênero musical", analisa Volmi Batista.

O Clube do Violeiro está batalhando para conseguir uma sede mais apropriada. Um local que, caso venha a existir, será voltado para o desenvolvimento de diversos projetos. Como, por exemplo, uma escola de viola caipira, que ensine não somente a tocar o instrumento, mas também a história da viola. E que, além disso, leve o aluno para a oficina, para que o estudante aprenda a construir o instrumento.

A idéia de Volmi e Aparício é a de que a sede do Clube dos Violeiros saís do local atual, a Candangolândia, e vá para a Sala Funarte, no Ministério da Cultura. Um lugar mais central em relação à cidade, que valorize a música dos violeiros em moldes semelhantes aos do Clube do Choro. "Se a sede fosse na Sala Funarte, nos ajudaria a trazer grandes nomes da viola para cá, pois conseguir pautar em teatros atualmente é muito difícil", comenta Volmi Batista.

Esta dificuldade não tem impedido o Clube do Violeiro de levar, ao Restaurante Palhoça (Setor de Postos e Motéis, Via Epia), nomes como Renato Andrade, Pena Branca e Xavantinho, Galvão e Galvãozinho, André e Andrade, Lio e Léu, Irmãos Galvão, Inêsita Barroso, Téo Azevedo e o Grupo Lundu, Zé Coco do Riachão, entre outros.

O Clube do Violeiro tem recebido, pela Internet (www.vbs.brasilia.net), mensagens de brasileiros, caipiras, residentes na França, Itália, Espanha. O Clube tem, atualmente, 400 sócios cadastrados. Quando há um encontro, todos são informados. Quanto mais gente se inscrever no Clube, maior será a chance de que os violeiros tenham um lugar mais bem aparelhado para tocar. O atual endereço do Clube dos Violeiros é o Setor de Oficinas, conjunto C, lote 7, Candangolândia. Fone (fax) 301-1267.

Leia mais sobre o clube dos violeiros na página D-2